



(PÁGINA 6)

A TARDE Caderno 2

A ESTÉTICA
DO TRABALHO
BRAÇAL EM
MOSTRA
FOTOGRAFICA
(CONTRACAPA)

Um salto para o futuro

ZONA

Sob a lona do
circo *Picolino*,
meninos e meninas do
Projeto Axé
ensaiam
saltos cidadãos.

A Escola de Circo *Picolino*, instalada na Orla Marítima de Salvador, poderia ser somente mais uma escola que ensina a garotada classe média a andar no trapézio, fazer acrobacias ou palhaçadas, e isso já seria ótimo. Mas embaixo daquela lona colorida estão 80 meninos e meninas do *Projeto Axé*, entre 8 e 17 anos, que foram tirados das ruas para aprenderem a arte circense, em uma das parcerias mais bem-sucedidas do *Axé*, que tem a marca de 0% de evasão.

O craque no monociclo Luís Cláudio Araújo, 16 anos, é um deles. Luis se mandou da casa da madrasta, aos nove anos de idade, para viver nas ruas de Salvador, limpando pára-brisas de carros. A primeira noite que passou na rua, ele nunca esqueceu. "Foi muito difícil. Sentia muito frio e medo", conta. Mesmo entrosado com o seu novo e duro cotidiano, ele não escapava da violência policial. "A polícia sempre bateu muito na gente", diz.

Aos 10 anos de idade, Luís foi convidado a participar do *Projeto Axé* e acabou escolhendo como atividade o circo *Picolino*, onde aprendeu malabarismo, monociclo e giro na corda. Agora, está sendo preparado para ser instrutor de monociclo e malabarismo em uma pensão, paga pelo *Axé*. Para completar, recuperou sua relação com a família. "Sai de casa porque não me dava

bem com minha madrasta. Hoje, ela me respeita e passamos os finais de semana juntos, mas gosto de dormir na pensão", fala.

Para Luís, o circo foi o caminho que encontrou para se redescobrir como ser humano e cidadão. "Quando vim para o circo tudo aqui mexeu muito comigo. Aprendi uma profissão para toda a minha vida e quero trabalhar nisso, no *Picolino* ou em outros circos", aposta. Quando vivia nas ruas, Luís não passou imune pela experiência das drogas e usou cola, maconha e *rohypnol*, mas afirma que abandonou tudo. "Se não tivesse vindo para cá eu poderia estar morto. A rua não dá nada que presete", avisa.

Ariana Ribeiro, 14 anos, Erenildes dos Santos, 16 anos, e Ednéia Moura, 17 anos, são três amigas inseparáveis no circo. Elas se conheceram nas sinaleiras do bairro de Sete Portas, quando pediam trocados, segundo elas, para ajudar as famílias, que viviam no abrigo da Limpurb, depois que tiveram suas casas destruídas pela chuva. "A gente achava que a rua era boa, melhor que o abrigo, pelo menos", diz Ariana que, junto com as amigas, 'brincava' de descobrir 'tesouros' no lixo de um grande supermercado dos arredores das sinaleiras. Encontrei muita coisa boa, fala.

Mas as três meninas foram seduzidas pela idéia do *Projeto Axé* e, principalmente, pela vontade de aprender as artes do circo. A primeira que veio foi Ednéia, hoje uma expert em trapézio e acrobacias e que já viajou com o espetáculo do *Picolino* para a Itália, São Paulo e Rio de

Janeiro. "Minha profissão é o circo. Aqui, me sinto uma profissional, uma artista, e isso me dá uma alegria muito grande", emociona-se Ednéia. Ariana e Erenildes também são feras da acrobacia, arame e trapézio e garantem: "Gostamos muito de ser artistas de circo".

Por ser uma atividade bastante lúdica, a *Escola de Circo Picolino* é uma das preferidas dos meninos e meninas do *Projeto Axé* e a expectativa para o final do ano é atender a 100 crianças. Mas tem uma condição: todo mundo tem que frequentar a escola. Luís Alberto Aleluia, 15 anos, é um dos 'novatos'. Está há apenas 10 meses no *Picolino*. Como não gostava de escola, Aleluia passava seu tempo nas ruas da Cidade Baixa, pedindo dinheiro, tomando banho de mar ou usando drogas. "Já fumei maconha e também cheirava cola para sentir a magia de beijar o sol. Mas era só ilusão, porque cola destrói com o cara", conta Aleluia.

Atualmente, ele confessa que ainda fuma maconha. "Às vezes, quero ficar legal e fumo, mas não deixo droga nenhuma me dominar", diz. Mas se ainda não deixou totalmente as drogas, Aleluia já deixou as ruas, está frequentando a 4ª série do primeiro grau e dando seu sangue para fazer bem acrobacias e malabarismo. "Vou ser o melhor", aposta. Esses garotos e garotas pequenos grandes exemplos de que apostar nas crianças e criar condições de torná-las cidadãs é a melhor forma de fazer do Brasil uma nação mais legal para todo mundo.



Aulas no Picolino: abrigo cidadão



Meninos do Axé, fugindo do perigoso malabarismo das ruas

Resgatando a dignidade

Atendendo a cerca de 1.780 crianças, adolescentes e adultos, de 06 a 24 anos, o *Projeto Axé* é, sem dúvida, um dos mais bem-sucedidos trabalhos na luta pela devolução da dignidade e da cidadania roubadas dos meninos e meninas que vivem em situação de rua no Brasil. Desenvolvendo 17 atividades, sua principal característica é a *Pedagogia do Desejo*, onde a criança escolhe o caminho que deseja seguir. O *Projeto Axé*, além da parceria com a *Escola Picolino de Circo*, oferece, para os meninos e meninas, oficina de música, dança, moda, serigrafia e papel reciclado, e pode-se dizer que a força maior do sucesso desse projeto vem do seu idealizador, Cesare La Rocca, que sempre apostou e continua apostando que, para mudar mentalidades, é preciso ter um sonho e acreditar nele. Longa vida ao *Projeto Axé*! Contatos pelos telefones 235-6217/235-6077 ou pelo e-mail axe@zumbi.org.br.



Viva a vida

O assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo por cinco rapazes de classe média de Brasília, continua engasgado na garganta de um país que não suporta mais galeras vazias, que se vestem com roupas de moda e usam carrões importados para barbarizar nas ruas dos grandes centros do Brasil. O grito hoje é de Márcio Luís, 16 anos, uma rapaz de muita atitude.

FÓSFOROS PATAXÓS

Foi em 1.500 que tudo começou. Pedro Álvares Cabral, o descobridor, por acaso descobriu uma terra muito bonita,

de habitantes de pele vermelha, olhos puxados e rosto pintado. E o tempo passou. Foi em 1997, no Distrito Federal, em 20 de abril: Jovens de classe média alta, sem ter o que fazer, acharam o que fazer: "Vamos queimar um ser humano?" Mas foi só sabendo que era um índio que o Brasil se abalou. Ahhhh, Galdino, o que você foi fazer naquele ponto? E o índio morreu depois de ter comemorado o seu dia. Pataxó, nós não estamos só. A Justiça não existe, pelo menos no Brasil. Mas sei que Deus existe. (Márcio Luís, 16 anos)

Pena e flash teen: Nadja Vladi

Correspondência para o Zona Teen: e-mail goll@svm.com.br